



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMUS REALEZA
GRADUAÇÃO EM LETRAS: PORTUGUÊS E ESPANHOL –
LICENCIATURA

CLAUDIA LUANA COGO

A PRESENÇA DO PASSADO E DA DESLOCAÇÃO EM *A VIAGEM DO ELEFANTE*

REALEZA, PR

2017

A presença do passado e da deslocação em *A viagem do elefante*¹

Claudia Luana Cogo²
Saulo Gomes Thimóteo³

Resumo: José Saramago traz em boa parte de suas obras uma concepção de história em que há espaço para as pessoas comuns, onde as pessoas das classes dominantes (a nobreza, o clero, o governo) são continuamente ironizadas e há uma busca em retratar as “vidas desperdiçadas”. Com seu estilo de escrita único, em que a linguagem se acerca da oralidade e a ironia é o motor do humor, no conto *A viagem do elefante*, Saramago narra a viagem de um elefante indiano, Salomão, e seu cornaca Subhro, de Lisboa a Viena no ano de 1551. Ademais, o personagem do cornaca abre espaço para um estudo de deslocamentos: de discursos, espacial, temporal, hierárquico e de identidades. Essa narrativa possui características relacionadas ao conceito de metaficção historiográfica, que é a base da análise literária proposta nesse estudo. Além do conceito de metaficção historiográfica, cunhado por Linda Hutcheon, fundamentam a pesquisa as teses *Sobre o conceito de história* de Walter Benjamin, textos de José Saramago, e Roland Barthes, Victor Chklovski, além da *Arte poética* de Aristóteles para tratar das relações entre a História e a Literatura.

Palavras-chave: história; literatura; metaficção historiográfica; viagem; deslocação.

Resumen: José Saramago trae en buena parte de sus obras una concepción de historia en que hay espacio para la personas comunes, donde las personas de las clases dominantes (la nobleza, el clero, el gobierno) son continuamente ironizadas, y hay una búsqueda en retratar las “vidas desperdiçadas”. Con su estilo de escrita único, en que el lenguaje se acerca de la oralidad y la ironía es el motor del humor, en el cuento *El viaje del elefante*, Saramago narra el viaje de un elefante indiano, Salomão, y su cornaca Subhro, de Lisboa hasta Viena en el año de 1551. El personaje del cornaca abre espacio para un estudio de desplazamientos: de discursos, espacial, temporal, jerárquico y de identidades. Esa narrativa posee características relacionadas al concepto de metaficción historiografica, que es la base de la análisis literaria propuesta en ese estudio. Además del concepto de metaficción historiografica, elaborado por Linda Hutcheon, tenemos fundamentando la pesquisa las teses *Sobre el concepto de historia* de Walter Benjamin, textos de José Saramago, y Roland Barthes, Victor Chklovski, además de la *Arte Poética* de Aristóteles para tratar de las relaciones entre la História y la Literatura.

Palabras-clave: historia; literatura; metaficción historiográfica; viaje; desplazamiento.

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de graduação do Curso de Licenciatura em Letras: Português e Espanhol, da Universidade Federal da Fronteira Sul – campus Realeza, PR.

2 Acadêmica do curso de Letras. E-mail para contato: claudiacogo@outlook.com.

3 Orientador do artigo, docente no curso de Letras, nas áreas de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail para contato: saulo.thimoteo@uffs.edu.br.

“Em verdade vos direi, em verdade vos digo que vale mais ser romancista, ficcionista, mentiroso.”
(José Saramago)⁴

Introdução

Esse estudo objetiva entender (e explicitar) como a obra *A viagem do elefante*, do escritor português José Saramago, pode contribuir para uma revisitação do passado e problematização da história enquanto discurso oficial. Para isso, realizaremos uma análise da obra, baseada em um conjunto de teorias sobre o conceito de história, sobre suas relações com a literatura e sobre as implicações do entendimento diferenciado desse conceito presente nessa e em outras obras literárias do autor. Evidenciaremos, também, como o narrador se constitui como peça central da problematização historiográfica proposta pelo romance, que possui componentes históricos como base de sua narrativa. Esta pesquisa se justifica pelo estudo das relações entre a História, enquanto discurso narrativo oficial para os acontecimentos factuais, e a Literatura. A análise proposta interpretará a literatura como problematizadora do discurso histórico e objetivará entender como a literatura pode contribuir para uma revisitação do passado.

As relações entre história e literatura vêm sendo estudadas há muito tempo. Aristóteles, por exemplo, elaborou uma diferenciação entre as duas ao dizer que “a diferença está em que uma narra acontecimentos e a outra, fatos que podiam acontecer. Por isso, a Poesia encerra mais filosofia e elevação do que a história” (ARISTÓTELES, 2005, p. 28). Assim, como a arte literária (definida por Aristóteles pelo termo Poesia) depende essencialmente da imaginação e da criação, ela possibilita mais liberdade para novas leituras e interpretações de fatos históricos, por exemplo.

Nesse sentido, *A viagem do elefante* pode ser caracterizada como uma obra de metaficção historiográfica. Esse conceito foi cunhado por Linda Hutcheon, em 1980, em seu livro *Poética do Pós-Modernismo: história, poesia, ficção* para caracterizar narrativas que se baseiam no questionamento de dois elementos: a própria ficção e o discurso histórico oficial. Ou seja, os textos de metaficção historiográfica buscam fazer uma reflexão sobre o próprio processo de criação do texto e, ao mesmo tempo, uma problematização sobre como a história é construída, tornando essas duas esferas, a literatura e a história, como complementares. Linda Hutcheon explica que esse tipo de texto (classificado como metaficção historiográfica), “nos pede que lembremos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo” (HUTCHEON, 1987, p. 141). Para ela, então, o que consideramos história e ficção não são conceitos acabados, prontos, que não sofrerão

4 (SARAMAGO, 2008, p. 225)

alterações, pelo contrário; estas ideias são instáveis e podem ser definidas de diferentes formas, conforme o tempo histórico e a sociedade em que estão inseridas.

Roland Barthes em seu texto *O discurso da história* já havia teorizado sobre as questões estudadas por Linda Hutcheon. Para ele “o discurso histórico é essencialmente elaboração ideológica” (BARTHES, 2012, p. 177). Assim, é possível pensar o discurso histórico como uma construção instável, que se altera conforme o tempo, por ser ideológico, ou seja, por envolver questões valorativas, julgamentos de valor, que são em sua essência subjetivos e, portanto, podem sofrer alterações conforme o sujeito, a sociedade em que ele está inserido e a ideologia dominante. O entendimento diferenciado do conceito de história de José Saramago mencionado anteriormente retoma alguns aspectos dessas teorias. Para o autor de *A viagem do elefante*, a história é sempre parcelar e parcial, mas segundo ele “a mim não me preocupa tanto que ela seja parcial, quer dizer, orientada e ideológica [...] Talvez a mim me preocupe muito mais o facto de a História ser parcelar” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 81). Dessa forma, para Saramago, o fato de a História mencionar apenas uma reduzida parcela de todas as pessoas que fazem efetivamente a história é mais grave. Por isso ele busca em suas obras falar dessas pessoas ignoradas pela História, como em *A viagem do elefante*, que tem como protagonistas o elefante salomão e o cornaca subhro⁵, e como secundários os homens da comitiva (o comandante, os soldados, os homens do carro de bois) que tem a missão de levar salomão de Portugal até a Áustria, para atender as vontades de um rei.

Ao considerarmos que o poder e suas relações se estabelecem justamente pela língua, a literatura torna-se, então, o meio pelo qual é possível conceber a língua fora do poder, possibilitando, por exemplo, o que Walter Benjamin se refere em suas teses *Sobre o conceito de história*, como contar a história dos vencidos, daqueles destituídos do poder. Além disso, a literatura, por meio da inquietação, problematização que estabelece, possibilita que os derrotados – que passam por um processo de silenciamento de sua memória e esquecimento de sua história, ao serem deixados de lado pelo discurso histórico oficial – assumam um lugar na história e não qualquer lugar, mas justamente sejam os protagonistas de suas histórias. José Saramago realiza com sabedoria a tarefa proposta por Benjamin, pois busca evidenciar as pessoas comuns, mostrar por meio de seus textos o que ele chama de “vidas desperdiçadas” e assim apresenta-se “numa espécie de 'anjo da história' benjaminiano, [que] não consegue desvencilhar-se dos acontecimentos passados, e por isso carrega-os inerentemente consigo em toda a sua obra” (THIMOTEO, 2016, p. 230). O anjo da história de Benjamin é mencionado na tese IX e pode ser entendido como uma metáfora ou alegoria sobre a necessidade de uma visão crítica da história e do progresso. Para

5 Os nomes próprios em *A viagem do elefante* (assim como em outras obras do autor) aparecem com letra minúscula e optamos por manter essa configuração no artigo para os nomes dos personagens.

Benjamin, esse anjo está voltado para o passado, onde ele enxerga uma catástrofe: “Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas [...] essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro” (BENJAMIN, 1994, p. 226). Para Walter Benjamin, essa tempestade é o progresso, que impede esse trabalho de resgate e rememoração do passado de cada indivíduo e de cada sociedade.

Trabalharemos também, ao longo do texto, com alguns elementos importantes para o estudo da obra, como o narrador de Saramago, considerando essa voz narrativa como uma máscara do discurso do próprio autor. Entre os personagens, é importante ressaltar a presença de uma dicotomia: a nobreza – representada pelo rei dom joão terceiro de portugal e sua esposa catarina de Áustria, e pelo arquiduque maximiliano segundo de Áustria e sua esposa maria –; e aqueles subordinados a ela, às suas vontades (o cornaca subhro, o comandante da comitiva, e a própria comitiva). Essa dicotomia expressa uma divisão de classes bem definida e problematizada na narrativa. Serão trabalhados ainda neste estudo, temas como a viagem e a metáfora que ela expressa e o deslocamento físico, temporal, hierárquico e de identidades.

1 A construção metaficcional historiográfica em *A viagem do elefante*

A viagem do elefante foi publicado em 2008, e é classificado como um conto pelo autor. A ideia para o livro surgiu quando ele descobriu a história desse elefante indiano, que em 1551, viajou de Lisboa à Viena por vontade do rei dom joão terceiro que ofereceu o animal de presente ao arquiduque maximiliano segundo, seu primo. O caminho percorrido pelo elefante e pela comitiva portuguesa, até a fronteira com a Espanha, foi refeito por José Saramago e sua esposa Pilar del Rio em 2009.⁶

O livro, então, é baseado em dados históricos, mas esses dados sobre a viagem do elefante eram muito limitados, e por isso o autor afirma que para a efetivação do livro foi necessário “o máximo de invenção de que ele [o autor] fosse capaz” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 321). Ao trabalhar com essas duas vertentes, a História e a Literatura, Saramago retoma a problematização da História, presente em obras anteriores, como *Memorial do Convento*, *História do cerco de Lisboa* e *O ano da morte de Ricardo Reis*. Para Saramago, a História é ficção, assim como a literatura, segundo ele “A História não é uma ciência. É ficção [...] como na ficção, há uma tentativa de reconstruir a realidade através de um processo de seleção de materiais. Os historiadores apresentam uma realidade cronológica, linear, lógica. Mas a verdade é que se trata de uma

⁶ Está disponível no site da Fundação José Saramago um roteiro de viagens intitulado *Na rota portuguesa do caminho de Salomão* contendo as principais cidades portuguesas que constituem esse roteiro percorrido por José e Pilar.

montagem, fundada sobre um ponto de vista” (idem, p. 254). Para o autor português existem duas histórias, uma sempre contada daqueles que têm voz, e outra, ao contrário, sempre silenciada. Walter Benjamin em suas teses “Sobre o conceito de história” já problematizava essa questão, quando afirmava que os historiadores estabelecem uma relação de empatia com o vencedor, assim, silenciando as vozes dos vencidos (BENJAMIN, 1994, p. 225). E são as histórias não contadas que Saramago retrata em sua escrita, histórias de pessoas comuns, de vidas comuns.

A metaficção historiográfica busca problematizar o conceito de história e encontramos esse mesmo movimento de problematização em Benjamin. Existe, então, uma ambição de expor questões silenciadas, esquecidas, feridas abertas. Para Benjamin,

O cronista que narra profusamente os acontecimentos, sem distinguir grandes e pequenos, leva com isso a verdade de que nada do que alguma vez aconteceu pode ser dado por perdido para a história. Certamente, só à humanidade redimida cabe o passado em sua inteireza. Isso quer dizer: só à humanidade redimida o seu passado tornou-se citável em cada um de seus instantes (idem, p. 223).

Essa redenção só pode ser alcançada quando a humanidade expuser cada uma das feridas que compõem seu passado. Problematizar a história é antes de tudo buscar conhecer o passado, as pessoas que habitaram nele e não apenas conhecer o passado por meio do que conta o discurso histórico oficial. Saramago é esse cronista, que não distingue as histórias grandes das pequenas, sendo possível perceber que esta problematização da história está evidente em *A viagem do elefante*. Para Saramago, o passado é o que realmente o preocupa, e é ao passado que ele se refere no conto *A viagem do elefante*, quando narra que “O passado é um imenso pedregal que muitos gostariam de percorrer como se de uma auto-estrada se tratasse, enquanto outros, pacientemente, vão de pedra em pedra, e as levantam, porque precisam de saber o que há por baixo delas” (SARAMAGO, 2008, p. 33). Saramago corresponde ao segundo tipo de sujeito, que sente a necessidade de ver e contar o que está oculto, ou o que foi oculto pelo discurso histórico, principalmente porque seu trabalho está intimamente ligado à história, e mais que isso, é em sua essência problematizador da história. O que ele pretende com esse trabalho é justamente essa tarefa de ver o que há debaixo de cada pedra, o que ele almeja é “desenterrar homens vivos. A História soterrou milhões de homens vivos.” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 253).

Essa é a sua concepção de história, uma história que fosse capaz de falar de todos, daqueles que construíram os grandes monumentos da humanidade, daqueles que foram simples agricultores em uma pequena aldeia e daqueles que levaram um elefante de Lisboa à Viena, por ordem de um rei. Isto está muito claro quando Saramago fala de suas ambições ao escrever literatura, “Em definitivo, o autor aspira a contar a vida das pessoas que não entram na História, ou melhor, o que

ambiciona, no fundo, é escrever o único livro impossível: *A História do Passado*” (SARAMAGO, 2013, p. 39). E por que esse livro é impossível? Porque é impossível falar de tudo, contar a história de todos, porque é impossível conhecer tudo e todas as pessoas que já habitaram o planeta. E o autor mesmo explica essa impossibilidade em uma entrevista:

A História que se escreve e que depois vamos ler, aquela em que vamos aprender aquilo que aconteceu, tem necessariamente que ser parcelar, porque não pode narrar tudo, não pode explicar tudo, não pode falar de toda a gente; [...] É que a este mundo vêm milhões de pessoas que se foram embora e não deixaram rasto nem sinal [...] Este sentimento trágico do desperdício humano (para parafrasear o título célebre de Miguel de Unamuno) vê-se todos os dias, mas não pensamos nisso (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 81-82).

Assim, ao mesmo tempo que Saramago entende essa impossibilidade de contar todo o passado, essa é sua maior ambição, essa é a sua missão, e quando escreve, ele mostra que, afinal, não é uma missão impossível, pois entra em cena a questão da representatividade. Ao falar de alguns agricultores, de alguns soldados, de alguns construtores, ele fala de todos, de todas essas vidas desperdiçadas, que ele define como “[...] esse sentido da pessoa comum e corrente, aquela que passa e que ninguém quer saber quem é, que não interessa nada, que aparentemente nunca fez nada que valesse a pena registrar, é a isso que eu chamo as vidas desperdiçadas” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 82). Além de buscar contar a vida daqueles que de fato trabalharam para construir os grandes monumentos, Saramago busca também contar a vida daqueles que aparentemente nunca fizeram nada de importante, pois ele sabe que a vida dessas pessoas não estará registrada no discurso histórico oficial.

A questão do passado é o primeiro fator que caracteriza *A viagem do elefante* como uma narrativa metaficcional historiográfica, pois como aponta Caragea⁷ “O conceito central [de metaficção historiográfica], segundo Hutcheon, é a 'presença do passado', muitas vezes realizada sob a forma das narrações históricas paradoxais, cujo traço comum é a tentativa de instituir uma relação dialógica entre o presente e o passado”. Essa relação dialógica está presente em *Memorial do Convento*, assim como em *A viagem do elefante*, pois ambas são ficções que tratam de um tempo passado visto e entendido por uma perspectiva do presente em que o autor está ao escrever essas obras. Assim, essa visão do passado é permeada por aquilo que o autor é, pela sua interpretação de mundo e a partir da óptica do tempo em que ele vive. Como o próprio autor afirma, esse movimento consiste em “Ver o tempo de ontem com os olhos de hoje [...]” (SARAMAGO, 2013, p. 33). E essa visão do passado a partir do presente não busca recontar o que o discurso histórico oficial já narrou,

⁷ CARAGEA, Mioara. “Metaficção Historiográfica”, **E-Dicionário de Termos Literários** (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://edtl.fcsh.unl.pt>>, consultado em 21-05-2017, p. 02.

pelo contrário, busca questionar esse discurso, olhá-lo cara a cara e reclamar a presença das vidas e histórias omitidas.

Com relação à construção narrativa, o narrador é onisciente e é fácil perceber como ele se coloca perante à narrativa e ao leitor, interpelando-o e questionando-o, como é característico de um narrador onipotente. O narrador narra esta história como uma testemunha, como se estivesse presente nessa viagem, e mais que isso, chama o leitor para dentro dessa viagem. Esse movimento pode ser percebido, no conto, por exemplo, quando subhro se levanta durante a noite por conta de necessidades fisiológicas e vai até um amontoado de árvores para aliviar-se e temos então a voz do narrador,

Desviemos a vista enquanto ele se livra da roupa, que milagrosamente, ainda não sujou, e esperemos que levante a cabeça para ver o que nós já vimos, aquela aldeia banhada pelo maravilhoso luar de agosto que modelava todos os relevos, amaciava as próprias sombras que havia criado, e ao mesmo tempo fazia resplandecer as zonas que iluminava (SARAMAGO, 2008, p. 50-51).

O narrador nos coloca, como leitores, dentro do jogo narrativo, como se estivéssemos a presenciar essa história, e por meio das descrições nos mostra esse tempo e esse cenário em que ela ocorre. Como percebe Mariana Gonçalves, em seu texto “José Saramago: da viagem ao viajante”, o narrador de *A viagem do elefante* “parece andar sempre no calço das personagens, como se fosse mais um viajante que, recolhido a um canto, tudo observa e tudo sabe” (GONÇALVES, 2013, p. 31). E por conta das digressões, – característica da escrita de Saramago – o leitor parece acompanhar a viagem ao lado do narrador, em silêncio mas não de uma forma passiva, e isto é, além de outros fatores já mencionados, o que caracteriza esta narrativa como uma metaficção historiográfica. O que define uma narrativa de metaficção historiográfica é, antes de tudo a “intensa autoconsciência em relação à maneira como tudo isso é realizado” (HUTCHEON, 1991, p. 150). Com “tudo isso”, a autora refere-se à forma como o passado é narrado, pois ela defende que, além da fábula, da estória heroica e do romance histórico – definidos por Umberto Eco como formas de narrar o passado – a metaficção historiográfica surge como uma opção pós-moderna para falar do que já se passou. Linda Hutcheon define que “as metaficções historiográficas parecem privilegiar duas formas de narração, que problematizam toda a noção de subjetividade: os múltiplos pontos de vista [...] ou um narrador declaradamente onipotente” (idem, p. 156). O que vemos em *A viagem do elefante* é o segundo caso, um narrador declaradamente onipotente.

Outro elemento que caracteriza *A viagem do elefante* como um texto de metaficção historiográfica, para além da questão do passado, é a questão – já abordada anteriormente – de falar da vida de pessoas comuns. Linda Hutcheon define que “os protagonistas da metaficção historiográfica podem ser tudo, menos tipos propriamente ditos: são os ex-cêntricos, os

marginalizados, as figuras periféricas da histórica ficcional” (idem, p. 151). Em *A viagem do elefante*, Saramago dentro da própria narrativa estabelece uma hierarquia entre os protagonistas, “o cornaca subhro, ou branco, prepara-se para ser a segunda ou terceira figura desta história, sendo a primeira, por natural primazia [...] o elefante salomão, e vindo depois, disputando em valias, ora este, ora aquele, ora por isto, ora por aquilo, o dito subhro e o arquiduque” (SARAMAGO, 2008, p. 34). Um cornaca é, dentro do discurso oficial, alguém à margem da história. O arquiduque, pelo contrário, não, mas é importante perceber como esse personagem é construído por Saramago e o que ele representa, porque esse fator também é parte da construção metaficcional da narrativa. Em *A viagem do elefante*, o arquiduque e o cuidador do elefante não mantêm uma relação amigável, entretanto, em certa altura da narrativa, por conta de um ato de salvamento humano de salomão, o arquiduque estende a mão para o indiano e então surge essa ironia sobre a figura do arquiduque, “Como o arquiduque não retirava a mão, fritz⁸ não teve outra solução que tocar-lhe com a sua, a pele grossa e calosa de um cornaca e a pele fina e delicada de quem nem sequer se veste com as próprias mãos” (idem, p. 253). Como afirma Linda Hutcheon, “A metaficção historiográfica adota uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença; o 'tipo' tem poucas funções, exceto como algo a ser atacado com ironia” (HUTCHEON, 1991, p. 151). O arquiduque representa a nobreza, e o padre – que tenta exorcizar salomão e acaba levando um coice do elefante – representa o clero, mas essas representações são altamente ironizadas por Saramago, pois em sua obra, há uma busca por desvendar e revelar a natureza humana, e as instituições coletivas (governo e igreja) são símbolos do egoísmo, da ambição e do desrespeito à humanidade (GONÇALVES, 2013, p. 33).

Como já mencionado anteriormente, salomão assume o protagonismo da narrativa e este protagonismo está evidente desde o título do livro. Saramago conta que o que o levou a escrever *A viagem do elefante* foi o fim que o elefante teve, após chegar em Viena:

O elefante morreu um ano depois de ter chegado à Viena. Esfolaram-no e cortaram-lhe as patas dianteiras para usá-las como recipientes, para colocar ali os guarda-chuvas, as bengalas, os bastões, as sombrinhas... Se não tivesse acontecido isto, que é histórico, eu não direi que não teria escrito o livro, mas talvez não o escrevesse, porque aquele corte das patas, aquelas patas que tinham andado milhares de quilômetros até chegar a Viena, no fundo eram uma metáfora, quero dizer, da inutilidade da vida: não conseguimos fazer dela mais do pouco que ela é. Quer dizer, que triste fim, não é? Que triste fim. Por isso esse elefante deve sua existência literária a essa circunstância (JOSÉ E PILAR, 2010, 101min).

Para Saramago, então, o elefante é uma metáfora da vida humana, que sempre chega a seu

8 No primeiro encontro entre subhro e o arquiduque, este último decide alterar o nome do cornaca para fritz e do elefante para solimão. Esse ato impositivo de alteração de identidade será analisada na segunda seção do artigo.

fim, das mais variadas formas. E isso está dito na epígrafe do livro que diz, “Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam”. Uma das interpretações possíveis desta epígrafe é que sempre chegamos à morte. Porém é importante perceber que, no conto, a viagem é mais importante que a morte do elefante. A viagem representa uma espera e também uma travessia até aquilo (ou aqueles) que o espera(m): quando salomão sai da Índia, esperam-no em Portugal; quando sai de Portugal, esperam-no na Espanha; e por último esperam-no em Viena. Assim também é a vida, sempre estamos a chegar a algum lugar. Em comum temos nós, os humanos e os animais, que a morte sempre é a última chegada. A morte de salomão é altamente simbólica, pois a forma como o elefante é tratado após sua morte pelo governo de Viena é uma demonstração da crueldade da natureza humana, que conforme diz Saramago “A dura experiência da vida tem-nos mostrado que não é aconselhável confiar demasiado na natureza humana, em geral” (SARAMAGO, 2008, p. 53).

O último elemento que podemos encontrar em *A viagem do elefante* que caracteriza esta ficção como uma metaficção historiográfica é o leitor. Como afirma Caragea⁹ “É patente na metaficção historiográfica o papel activo que é atribuído ao leitor na produção de sentido”. Ao papel do leitor nesse tipo de ficção cabe o entendimento e a consciência do contrato que se estabelece entre autor e leitor. A metaficção historiográfica contesta a distinção geralmente estabelecida entre a história e o romance histórico, em que na primeira existe uma aceitação passiva – por parte do leitor – do que está sendo narrado como verdade. Para Saramago, o leitor “só pode entender o texto se estiver 'dentro' dele, se funcionar como alguém que está a colaborar na finalização de que o livro necessita, que é a sua leitura” (SARAMAGO *apud* REIS, 1998, p. 102). Assim, o leitor compõe a ficção saramaguiana, é parte dela, como comenta Fernando Gómez Aguilera no livro *As palavras de Saramago*,

O leitor desempenha um papel relevante no universo saramaguiano por vontade do autor. As peculiaridades de sua literatura apresentam a exigência de um receptor ativo, ao qual se reserva uma parcela de protagonismo na reelaboração dos conteúdos propostos no livro, assim como na reação com o autor-narrador que governa o relato (AGUILERA, 2016, p. 324).

O papel do leitor em *A viagem do elefante* não é, como já mencionado anteriormente, o da passividade. Como no trecho a seguir, em que o narrador interpela o leitor, de certa forma questionando sobre sua atenção à narrativa,

Quem venha seguindo com suficiente atenção este relato, terá já estranhado que depois do divertido episódio da patada que salomão aplicou ao padre da aldeia não

⁹ CARAGEA, Mioara. “Metaficção Historiográfica”, **E-Dicionário de Termos Literários** (EDTL), coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://edtl.fcsh.unl.pt>>, consultado em 21-05-2017, p. 04.

tenha havido referência a outros encontros com os habitantes destas terras, como se viéssemos atravessando um deserto e não um país europeu civilizado (SARAMAGO, 2008, p. 107).

Há, então, essa interpelação por parte do narrador em que ele traz possíveis interrogações do leitor e ao mesmo tempo as responde. Percebe-se, ao mesmo tempo, que esse movimento está trazendo o leitor ao texto, para que ele cumpra seu papel de agente interrogador, pois como afirma Saramago, “O leitor escreve o livro quando lhe penetra o sentido, o interroga” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2013, p. 326).

A construção metaficcional historiográfica de *A viagem do elefante* pode ser identificada a partir dos elementos analisados até então. São eles a problematização da história por meio da presença do passado, a alta consciência na construção do narrador onisciente e no leitor ativo e a existência de personagens que representam as pessoas marginalizadas, as vidas comuns que são omitidas pelo discurso histórico oficial. Ao construir essa narrativa, Saramago dedica-se a revolver o passado, resgatando a história desse elefante da memória portuguesa e europeia, e por meio do elefante ele fala também das vidas das pessoas comuns que o discurso histórico oficial acaba sempre por omitir e que a metaficção historiográfica busca revelar. Na seção seguinte, será possível entender como ocorrem os processos de deslocamentos (físico, temporal, hierárquico e identitário) na narrativa.

2 O fenômeno da deslocação em *A viagem do elefante*

O tema da viagem presente na obra aqui analisada é recorrente na literatura. A viagem simboliza poeticamente aspectos como evolução do ser humano, reflexão, descobertas de novos mundos, de novas culturas, de novos meios de ser. Para Maria Alzira Seixo, em *Poéticas da viagem na literatura*: “A matriz tipológica da viagem escrita, quer na literatura de viagens, quer na literatura das viagens, centra-se na *deslocação*” (SEIXO, 1998, p. 22), ou seja, a substituição de um lugar por outro. A deslocação aqui será vista por quatro perspectivas distintas: a física, a temporal, a hierárquica e a identitária. Em cada uma dessas perspectivas tomaremos esta deslocação com o sentido de alteração, de mudança.

A primeira delas, a física, se trata justamente da viagem, do caminho percorrido por salomão e subhro. A narrativa não detalha, apenas menciona, que ambos vivem em Portugal há dois anos e que vieram da Índia. Surge, então, a primeira grande deslocação física que ambos experimentaram, e não apenas física, pois, deve-se considerar aspectos como cultura, religião, alimentação, modo de vida e de governo, etc. que se apresentaram após a chegada dos dois a Portugal. A narrativa começa

quando a rainha catarina sugere a seu marido e rei dom joão terceiro que o elefante salomão seja oferecido de presente ao arquiduque maximiliano. Define-se então que salomão “terá de ir à pata” (SARAMAGO, 2008, p. 14) a Valladolid – a aproximadamente 600km de Belém, Portugal, de onde salomão, subhro e a comitiva portuguesa partem inicialmente – cidade espanhola onde está o arquiduque, antes de ir até Viena. Surgem aí então os próximos deslocamentos físicos que serão feitos por salomão. Como podemos notar, estes deslocamentos que constituem a viagem fazem parte também do que esta viagem representa, pois é necessário destacar que o livro é sobre a viagem desse elefante, a maior parte da narrativa está narrando e descrevendo os momentos possíveis dessa viagem factual. Maria Luiza Scher Pereira destaca na obra *A jangada e o elefante e outros ensaios* que essa viagem

é intracontinental, e a alegoria é o elefante. O elefante viaja, como viajou a jangada, e leva sobre si o cornaca Subhro, um indiano, mais ou menos cristão, mais ou menos colonizado; que fala português e está integrado ao mundo europeu, mas é escuro, fronteiro; ao mesmo tempo uma figura menor nesse diálogo desigual de culturas, mas intelectualizado e portador de uma observação privilegiada e de um discurso que vai se revelando profundamente crítico (PEREIRA, 2009, p. 23).

É durante o percurso da viagem que vamos conhecer os protagonistas, seu caráter, seu modo de pensar e agir, etc. É, também, durante a viagem que conheceremos histórias juntamente com os personagens, como a da vaca lutadora¹⁰, ou de como nasceu ganeixa¹¹, o deus indiano. A viagem relaciona dois deslocamentos, o físico e o temporal, pois levaram-se aproximadamente seis meses para que salomão percorresse todo o caminho a que lhe destinaram. Temporalmente temos duas datas marcando o início e o fim da viagem. Salomão e a comitiva portuguesa saíram de Belém em agosto de 1551¹² e chegaram à cidade de Innsbruck, Áustria, a 400 km de Viena no dia seis de janeiro do ano de 1552¹³. O caminho foi percorrido a pé, e alguns trechos fluvialmente, o primeiro de Rosas, Espanha até Gênova, Itália, pelo mar da Ligúria, e o segundo já em Áustria, pelo rio Danúbio.

É interessante notar que tempo e espaço se colocam em oposição durante uma viagem, como aponta Maria Alzira Seixo, “Como se espaço e tempo, na duração temporal que a viagem forçosamente também ocupa, tivessem direções opostas: à medida que se avança no espaço, vai-se perdendo em tempo; enriquecemos em espaço o que empobrecemos em tempo” (SEIXO, 1998, p. 18-19). Além dessa relação de ganho de espaço e perda de tempo, esses dois elementos constituem-

10 (SARAMAGO, 2008, p. 115-116). Saramago reconta – e ao mesmo tempo faz uma crítica – a crônica “Apólogo da vaca lutadora”, escrita por ele e publicada no livro *A bagagem do viajante*.

11 (idem p. 71-73).

12 (idem p. 49).

13 (idem p. 246).

se também como um lugar, entrecruzam-se na constituição do ser humano, e esse cruzamento se estabelece como “um lugar questionável na sua natureza e na sua consistência, um lugar que é (des)encontro social de diversidades culturais, políticas e económicas” (SEIXO, 1999, p. 149). Além do deslocamento temporal narrativo, há também o deslocamento temporal extranarrativo, ou seja, há que se considerar a deslocação existente entre o tempo do autor e do leitor e o tempo em que a narração ocorre, em meados do século XVI. Esse aspecto pode ser observado em outras obras de Saramago, pois é algo contínuo em sua ficção. Em *A viagem do elefante*, então, subhro representa este desencontro social citado por Maria Alzira Seixo, uma vez que ele pertence a outra cultura, sofre uma imposição dos povos europeus. Um exemplo pode ser verificado a seguir: “E foi assim que nasceu ganeixa depois de ter vivido e morrido. Histórias da carochinha, resmungou um soldado, Como a daquele que, tendo morrido, ressuscitou ao terceiro dia, respondeu subhro, Cuidado, cornaca, estás a ir longe de mais, repreendeu o comandante” (SARAMAGO, 2008, p. 73). É possível perceber, além da relação de hierarquia que se estabelece entre o comandante e subhro, uma imposição religiosa por parte dos portugueses, pois, ao diminuir as crenças hindus e exigir respeito ao catolicismo os portugueses da comitiva impõem seus valores ao estrangeiro.

Juntamente com a questão da imposição religiosa, surge então uma relação de hierarquia. É importante destacar que a deslocação de hierarquias que ocorre em *A viagem do elefante* tem como objetivo ironizar essas relações, colocando a nobreza, o clero, o comandante da comitiva, ou seja, os detentores de maior poder, em um lugar igual ou menor que os subordinados. Esse movimento de deslocação hierárquica é apresentado principalmente por meio de subhro, mas surge também a partir de salomão, e pode ser observado no trecho abaixo:

Vestido com um traje que em qualidade de tecidos e luxo de confecção deixava a perder de vista o que havia trazido de lisboa e que tanto afectara o equilíbrio o erário local, fritz foi içado para o cachaço de solimão, donde, para frente e para trás, podia desfrutar da imponente visão da caravana em toda a sua extensão. Acima dele ninguém viajava ali, nem sequer o arquiduque de áustria com todo o seu poder. Capaz de mudar os nomes a um homem e a um elefante, mas com os olhos à altura da mais comum das pessoas, era levado dentro de um coche onde os perfumes não conseguiam disfarçar de todo os maus cheiros exteriores (idem, p. 158).

O cornaca é posto por Saramago em um lugar que rompe com a hierarquia vigente, ele está acima de todos, incluindo a nobreza, representada pelo arquiduque e sua esposa. Esse deslocamento constitui-se principalmente num alto grau de ironia, por meio do deboche feito pelo narrador ao citar que mesmo fechado dentro de um coche, o arquiduque não está livre dos odores externos. O recurso da ironia utilizado por Saramago para construir esse deslocamento hierárquico pode ser

constatado no trecho seguinte:

Não nos esqueçamos de que quando fritz se chamava subhro não levantou qualquer objeção à redução do repouso de salomão de quatro para duas horas, mas esses tempos eram outros, o comandante da cavalaria portuguesa era um homem com quem se podia falar, um amigo, não um arquiduque autoritário como este, que, além de ser genro de carlos quinto, não se vê que outros méritos possuía (idem, p. 163).

Esse fragmento do texto revela, além da ironia, uma certa proximidade entre o cornaca e o comandante português, como se retratasse uma relação de respeito e até afeto entre os dois. Essa comparação entre o comandante e o arquiduque que subhro faz em sua mente, da qual temos acesso por meio da voz onisciente do narrador, questiona a importância e a autoridade do arquiduque, criando o deslocamento hierárquico. Esse questionamento de autoridade da nobreza ocorre também em outro momento, também por meio dos pensamentos do cornaca: “fritz contemplava com uma espécie de desdém a multidão, e, num insólito instante de lucidez e relativização, pensou que, bem vistas as coisas, um arquiduque, um rei, um imperador não são mais do que cornacas montados num elefante” (idem, p. 177). Neste fragmento, assim como nos anteriores, está presente um alto grau de ironia ao tratar das pessoas da nobreza. A partir deles é possível observar o grau de criticidade que subhro demonstra em seus pensamentos e também analisar mais uma forma de deslocação, pois os pensamentos de subhro nos chegam por meio da voz do narrador, que como já foi aqui colocado, é também o autor. Dessa forma, como coloca Maria Alzira Pereira, “Subhro pode ser lido como um alter-ego do próprio escritor, ou em sentido mais amplo, como uma alegoria do intelectual periférico, jungido ao poder de comando” (PEREIRA, 2009, p. 23). Esse movimento pode ser visto, então, como uma deslocação de discursos, do autor para o personagem.

O último deslocamento proposto é o de identidades. Ele ocorre quando os nobres, tanto o rei dom joão terceiro como o arquiduque demonstram o interesse de trocar os nomes dos estrangeiros subhro e salomão, como um meio de impor sua cultura a eles. O rei não chega a realizar este ato mas o menciona, “Subhro. Subro, repetiu o rei, que diabo de nome é esse, Com agá, meu senhor, pelo menos foi o que ele disse, aclarou o secretário, Devíamos ter-lhe chamado Joaquim quando chegou a Portugal, resmungou o rei” (SARAMAGO, 2008, p. 24). Já o arquiduque maximiliano, no primeiro encontro com subhro, realiza a troca do nome do cornaca:

O teu nome é custoso de pronunciar, Já mo têm dito, meu senhor, Tenho a certeza de que em viena ninguém o irá entender, O mal será meu, meu senhor, Mas esse mal tem remédio, passarás a chamar-te fritz, Fritz, repetiu com voz dorida subhro, Sim, é um nome fácil de reter, além disso há já uma quantidade enorme de fritz na áustria, tu serás mais um, mas o único com um elefante, Se vossa alteza mo

permite, eu preferiria continuar com o meu nome de sempre, Já decidi, e ficas avisado de que me enfadarei contigo se voltares a pedir-me, mete na tua cabeça que o teu nome é fritz e nenhum outro, Sim, meu senhor. Então o arquiduque, levantando-se do sumptuoso assento que ocupava, disse em alta e sonora voz, Atenção, este homem acaba de aceitar o nome de fritz que lhe dei, isso e mais a responsabilidade de ser ele o cuidador do elefante solimão [...] (idem, p. 150-151).

Sobre o nome de salomão, o arquiduque já o havia chamado solimão na carta que escrevera ao rei dom joão aceitando o elefante como presente. Esta troca de nomes revela algumas coisas sobre a composição do personagem do arquiduque, que ao realizá-la pelo único motivo de sua vontade, sem considerar a negação de subhro, impõe sua ordem e cultura ao indiano. Como coloca Maria Luiza Pereira, Saramago mostra também, com isso, o fortalecimento da Europa sobre o Oriente por meio do

procedimento arrogante e eurocentrado de Maximiliano da Áustria [...] de rebatizar o elefante Salomão, trocando-se o nome para Solimão [...] Batizar o elefante com o nome do Imperador muçulmano, arrastá-lo pela Europa gelada, exibindo-o como uma propriedade exótica conquistada aos povos subjugados, transforma a viagem do elefante numa alegoria do domínio europeu do mundo. Da mesma forma, o tratador indiano tem seu nome mudado de Subhro [...] para Fritz, um nome alemão extremamente comum, somente pelo fato de que Maximiliano da Áustria assim o determinou, em mais uma demonstração do poder nomeador da Europa sobre os outros povos (PEREIRA, 2009, p. 24).

O fenômeno da deslocação de identidades revela, principalmente, a crítica que Saramago faz ao poder exercido pela nobreza sobre a vida de seus subordinados. Assim como a troca de nomes, a viagem que salomão e subhro foram obrigados a realizar não passam de caprichos, poderes da nobreza, legitimados culturalmente e socialmente na sociedade. Revelam ainda, formas de injustiça, veementemente combatidas por Saramago em sua literatura, pois como ele afirma: “A injustiça é um dos motores da minha obra, o abuso da autoridade sobre o indivíduo” (SARAMAGO *apud* AGUILERA, 2010, p. 321). *A viagem do elefante* revela-se, então, como um caleidoscópio de sentidos. É, entretanto, antes de tudo, uma forma de militância a favor dos que estão à margem da história e da sociedade, uma busca pelo resgate das vidas dos que sofreram os mais diversos tipos de injustiça pelas mãos de um pequeno grupo de pessoas que detiveram e que detém um poder opressivo.

Considerações finais

A ficção de Saramago contém dois aspectos que merecem ser retomados. O primeiro se relaciona com as concepções de história e ficção do autor e é evidenciado pela construção

metaficcional historiográfica de suas narrativas. Para ele e para outros escritores e teóricos, assim como para Antoine Compagnon – e Aristóteles, como colocado anteriormente – ficção e história são entendidas como iguais, considerando que a única diferença perceptível é que “A história é um romance que foi; o romance é a história que poderia ter sido” (COMPAGNON, 2010, p. 220). Ao problematizar essa relação entre as duas áreas, a metaficção historiográfica abala as concepções já existentes de história e ficção.

O segundo aspecto se relaciona com as temáticas presentes na literatura saramaguiana, bem como com os personagens. Saramago destaca que “o ser humano é a matéria do meu trabalho, a minha quotidiana obsessão, a íntima preocupação do cidadão que sou e que escreve” (SARAMAGO, 2010, p. 45). Por mais que em *A viagem do elefante* o personagem principal não seja uma pessoa, é de pessoas que essa obra trata, isso pode ser observado em uma das muitas digressões do narrador, quando ele fala que “Não têm falhado neste relato considerações mais ou menos certas sobre a natureza humana” (SARAMAGO, 2008, p. 60). A implicação pessoal do autor se revela em sua obra e nos questiona sobre a função da literatura na sociedade. A literatura não precisa possuir sempre um caráter utilitário, mas sim como defendem os formalistas russos, a arte precisa ser esse meio de desautomatização do ser humano, precisa tratar de questões importantes da vida e fazer com que o leitor levante a cabeça durante a leitura e pense, reflita e questione sobre o que está sendo dito, sobre sua própria vida e sobre seu papel na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez (org). **As palavras de Saramago**: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ARISTÓTELES. Arte poética. In: **A poética clássica**. 12 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005, p. 19-52.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

_____. “O discurso da história”. In: **O rumor da língua**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 163-180.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In: **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

_____. “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura..** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CARAGEA, Mioara. “Metaficção Historiográfica”, **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://edtl.fcsh.unl.pt>>, consultado em 21-05-2017.

COMPAGNON, Antoine. A história. In: **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. - Belo Horizonte: Editora: UFMG, 2010. p. 193-219.

GONÇALVES, Mariana de Matos. **José Saramago: da viagem ao viajante**. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/9933/1/ulf1139252_tm.pdf>. Acesso em: 01 maio 2017.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo: história, poesia, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOSÉ E PILAR. Direção: Miguel Gonçalves Mendes. Brasil: O2 Filmes, 2010; Espanha: El Deseo, 2010; Portugal: Jumpcut (125 min.).

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”**. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant, [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Luiz Müller. São Paulo: Boitempo, 2005.

PEREIRA, Maria Luiza Scher. A jangada e o elefante: arquivos da Europa nas viagens de Saramago. In: **A jangada e o elefante, e outros ensaios: exercícios de crítica literária e de literatura**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2009, p. 17-26.

REIS, Carlos. Sobre a História como experiência. In: **Diálogos com José Saramago**. Editorial Caminho: Lisboa, 1998.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Da estátua à pedra e discursos de Estocolmo**. Belém: ed.ufpa; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.

SEIXO, Maria Alzira. Lugar e deslocação em José Saramago. In: **Lugares da ficção em José Saramago: o essencial e outros ensaios**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1999, p. 139-167.

_____. Poéticas da viagem na literatura. In: **Poéticas da viagem na literatura**. Lisboa: Edições Cosmos, 1998, p. 9-40.

THIMÓTEO, Saulo Gomes. **“Está lá tudo”**: a crônica e o cosmos de José Saramago. 1ª ed., Curitiba: Appris, 2016.